

A INSERÇÃO DA PESCA AMADORA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

JESSICA APARECIDA SIBIONI

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

DR. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP

Professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da

Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Resumo | O presente estudo tem como objetivo analisar uma proposta de intervenção com o conteúdo pesca junto a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino da cidade de São Carlos/SP, em aulas de Educação Física. Ao longo de onze encontros desenvolvemos atividades para sensibilizar os alunos para um contato mais harmonioso com a pesca e o ambiente natural no qual ela é praticada. Ao final, consideramos que sua inserção como conteúdo das aulas de EF se apresentou como uma alternativa viável para estreitar a relação dos alunos com a natureza e, nesse sentido, desencadear discussões em torno do tema transversal meio ambiente de maneira mais estimulante e significativa.

Palavras-chave | Educação Física escolar; Temas transversais; Pesca amadora.

INTRODUÇÃO

Entende-se que a Educação Física (EF) escolar tem a função de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando um cidadão capaz de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para que ele possa usufruir desse universo composto por jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas de maneira crítica e em benefício a uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 1998a).

Apesar disso, atualmente ainda é possível observar uma boa parte de aulas limitadas ao ensino de esportes tradicionais e focadas na aprendizagem de fundamentos técnicos, desprezando outras possibilidades de manifestação corporal, entre elas, a pesca amadora.

De acordo com a lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009 (BRASIL, 2009), pesca amadora é uma prática não comercial realizada com equipamentos ou apetrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto.

Nesse sentido, se for pensada exclusivamente como alternativa de lazer e/ou esporte a pesca amadora já tem sua presença justificada na EF escolar, uma vez que ela faz parte do seu universo de conhecimentos específicos, ou seja, da cultura corporal de movimento. Porém, o que torna sua relevância social ainda maior dentro da escola é sua relação com o tema transversal meio ambiente, ao possibilitar o ensino e a aprendizagem de questões ambientais de maneira mais motivante e prazerosa.

O desafio, neste caso, recai na falta de publicações que retratem a abordagem da pesca na EF escolar. O único registro por nós encontrado que possibilita uma relação entre ambas data de 1970, ano de criação dos Jogos Estudantis Gaúchos pela Divisão de Educação Física do Rio Grande do Sul. Tais Jogos, além de modalidades tradicionais, incluíam a pesca e lançamento e tinham o objetivo de desenvolver o gosto pelas atividades esportivas entre os estudantes que frequentassem regularmente as aulas de EF nos estabelecimentos de ensino (FABRI, 2006).

Pensando nisso, o presente estudo tem como objetivo analisar uma proposta de intervenção com o conteúdo pesca junto a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual de ensino da cidade de São Carlos/SP, em aulas de EF, realizada no segundo semestre de 2013.

Localizada na periferia da cidade, tal escola foi escolhida em função das boas experiências que já havia tido nela enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Além das convencionais salas de aula, seu prédio dispunha de salas de leitura e informática e uma quadra poliesportiva coberta.

A turma escolhida para a intervenção era formada por 17 meninos e 11 meninas que levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que seus pais ou responsáveis o assinassem e, desta forma, autorizassem a participação dos mesmos na pesquisa. No TCLE, definimos a utilização de dois instrumentos para a coleta de dados: questionários – inicial (QI) e final (QF) respondidos pelos alunos para, respectivamente, mapear seus conhecimentos prévios, suas expectativas e obter uma avaliação da intervenção sob o olhar dos mesmos – e observações registradas em diários de aula (ZABALZA, 2004).

RELAÇÕES ENTRE O TEMA TRANSVERSAL MEIO AMBIENTE, A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A PESCA

Por envolver uma problemática social atual, urgente e de abrangência nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem que o tema Meio Ambiente – assim como os temas Ética, Saúde, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual e Trabalho e Consumo – receba um tratamento transversal dentro da escola com o objetivo de “[...] contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global” (BRASIL, 1998b, p. 187).

Esse tema – bem como os demais temas transversais – deve ser abordado de maneira integrada por todos os componentes curriculares; porém, cada um deles, de acordo com sua especificidade, pode contribuir de maneira mais significativa ao correlacionar os conteúdos da sua área com as questões ambientais (BRASIL, 1998b).

Por ora, independente dos conteúdos trabalhados, é importante reconhecer que quanto maior a diversidade de experiências e o contato com diferentes realidades, maiores são as chances de os alunos entenderem a complexidade e a amplitude das questões ambientais (BRASIL, 1998b).

Ainda, segundo Darido et al. (2006, p. 61): “Aproximar o ser humano da natureza parece ser um caminho para a preservação do meio ambiente, pois um contato agradável, divertido e emocionante pode sensibilizar pessoas que até então tinham um certo desprezo por essa causa”.

Nesse sentido, abordar nas aulas de EF práticas esportivas que acontecem junto à natureza potencializa o aprendizado dos alunos, tendo em vista que a proximidade dos mesmos com a natureza, principalmente quando estes fazem parte de comunidades urbanizadas, possibilitam o acesso a diferentes realidades e vivências. Porém, é ingênuo pensar que a prática de tais atividades, por si só, seja suficiente para que os alunos compreendam questões ambientais emergentes (BRASIL, 1998a).

De acordo com Bruhns (2000), apesar do discurso “ecológico” legitimar a presença de esportes na natureza sem muito questionamento, há evidências de que muitas práticas realizadas em ambientes naturais, ao contrário do que aparentam e propagam em seus discursos, não apresentam um caráter tão inofensivo.

A própria pescaria, dependendo do significado que lhe é atribuída, pode provocar prejuízos e estragos ao meio ambiente. Quando a “pescaria-matança” aparece predominante na conduta do pescador, seu objetivo passa a ser a captura insaciável da maior quantidade de peixes possível e o “pseudopescador” passa a não se preocupar mais com as consequências que sua atitude predatória pode provocar no meio ambiente (SILVA, 2000).

É para evitar episódios desse tipo, que a intervenção do professor se faz mais importante, pois, além de possibilitar o contato dos alunos com atividades junto à natureza, faz-se necessário que ele dialogue de maneira crítica e reflexiva com eles, incentivando atitudes conscientes de moderação e respeito à natureza.

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Conforme indica Silva (2000, p.21): “A aprendizagem da pesca é impossível sem a prática”. Essa afirmação pode parecer óbvia, porém, além da parte procedimental propriamente dita é importante que o aluno tenha conhecimento das dimensões conceitual e atitudinal que envolvem o universo dessa prática.

Para tanto, durante a intervenção foram realizados com os alunos “Jogos de Sensibilização”, para despertar o respeito pelo meio ambiente

a partir de uma relação de ética e composição com a natureza; "Jogos Cooperativos" na tentativa de conferir um tratamento lúdico e promover a convivência coletiva entre eles e; "Exercícios Educativos" para introduzir aspectos técnicos e capacitá-los para atuarem no ambiente natural (MUNSTER, 2004).

A intervenção, por sua vez, foi composta por onze encontros – os dez primeiros foram realizados nas aulas de EF com duração de 50 minutos cada e, o último, consistiu na realização de um passeio até um "pesque e pague" com cerca de 4 horas de duração.

Nos quatro primeiros encontros acompanhamos as aulas de EF e estreitamos laços com os alunos. Tal aproximação nos permitiu conhecê-los mais de perto e aplicar o QI. O restante da intervenção foi constituído por sete aulas ministradas por nós.

A primeira dessas aulas teve como objetivo apresentar aos alunos um breve histórico da pesca, sua definição e suas modalidades atuais com foco na pesca amadora a partir da leitura e discussão de um pequeno texto ilustrado. Para reforçar o aprendizado, realizamos um jogo de estafeta no qual os alunos, divididos em grupos, deveriam "pescar" as palavras/ alvos numa piscina de jornal e completar algumas frases com as mesmas. Por fim, conversamos sobre as diferenças entre a evolução histórica da pesca e do meio ambiente.

A segunda aula teve como objetivo apresentar os equipamentos básicos da pesca amadora e realizar sua montagem em duplas. Para apresentar mais especificamente a bóia¹ utilizada na pesca, realizamos o jogo "afunda ou não afunda", no qual objetos de diferentes densidades eram colocados dentro de um recipiente com água para que os alunos pudessem adivinhar se os mesmos afundariam ou não. Já na montagem, para ensiná-los a maneira correta de realizar os nós utilizamos uma corda a fim de ampliar a imagem e facilitar sua visualização. Ao final da aula conversamos sobre a importância de montar um material equilibrado

1. Apetrecho usado para manter a isca em uma determinada profundidade na coluna d'água e alertar o pescador quando um peixe está atacando a isca.

para possibilitar uma luta justa com os peixes e sobre os cuidados que devemos tomar para não machucá-los.

Na aula seguinte, após ouvirem sobre as vantagens do uso do molinete² e algumas instruções básicas sobre tal, os alunos tiveram a oportunidade de realizar arremessos com os mesmos. Nas pontas das linhas foram amarradas bolas de meia para que ninguém se machucasse. Também fizemos uma roda de conversa sobre o que fazer para os peixes fisgados não escaparem.

Já a quarta aula foi iniciada na sala de informática, onde foi exibido o desenho animado “Como pescar”. Nele era retratada a rotina de um pescador e o passo a passo para se obter uma pescaria bem sucedida, desmistificando a ideia de que o sucesso da pesca depende exclusivamente da sorte do pescador.

Em seguida, na quadra poliesportiva, os alunos participaram de um jogo de estafeta para simular algumas capacidades necessárias na pescaria como, por exemplo, acuidade visual, tempo de reação curto, paciência e concentração. Nela, os alunos tinham que passar a linha por um anzol, fisgar os peixes/alvos e pescar os peixes do brinquedo “pega-peixe”. No final da aula, fazendo um paralelo entre o vídeo e a estafeta, conversamos sobre as habilidades, capacidades e atitudes necessárias para se tornar um bom pescador, entre elas, o respeito e a preservação da natureza.

Pensando em diversificar o espaço das aulas, a quinta aula foi realizada na arquiabancada da escola. Com o objetivo de estudar os peixes da fauna brasileira, conversamos sobre os sentidos, hábitos alimentares e habitats de tais peixes e, em seguida, em duplas os alunos jogaram o jogo de tabuleiro “cara-a-cara” adaptado. Construído com material alternativo, o jogo continha nomes e imagens de alguns peixes da fauna brasileira, bem como informações de porte, hábitos alimentares e revestimento. Nele, um dos alunos fazia perguntas sobre tais características na tentativa de adivinhar o peixe que seu oponente havia escolhido. No final da aula conversamos sobre a importância do “pescue e solte”.

2. Apetrecho utilizado para guardar, arremessar e recolher maiores extensões de linha.

O sexto encontro teve como objetivo conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do meio ambiente. Sabendo, por meio dos QIs, da dificuldade deles para compreender a relação de interdependência entre todos os elementos do ecossistema, realizamos a dinâmica “Encadeamento”, proposta por Cornell (1996). Por meio dela, os alunos perceberam que, assim como a teia de barbante formada durante a dinâmica, todos os elementos de um ecossistema também estão interligados e que, por isso, quando um deles é prejudicado, os demais também sofrem consequências. Sabendo que não adianta preservar as matas e se esquecer dos lugares onde convivemos, no final da aula conversamos sobre a conservação do espaço físico da escola e solicitamos que os alunos desenhassem as mudanças necessárias para torná-lo melhor.

Nesse mesmo dia também foi feita a seleção dos 14 alunos que participariam do passeio ao “pesque e pague”, uma vez que nem todos teriam a oportunidade devido à falta de transporte escolar – em seu lugar contratamos uma van particular e a coordenadora pedagógica, generosamente, disponibilizou seu carro para o passeio. Para tanto, utilizamos os seguintes critérios, respectivamente: interesse dos alunos pelo passeio, entrega dos TCLEs e participação nas aulas. Mesmo sabendo destes critérios desde a primeira aula, alguns alunos ficaram chateados por não serem selecionados.

Finalmente, tendo como objetivo possibilitar a vivência prática da pesca entre os alunos, a sétima e última aula foi realizada num “pesque e pague” localizado a cerca de 20 km da escola, próximo à área urbana. Como a proprietária do local aceitou realizar uma parceria conosco, pagamos apenas uma quantia simbólica pelo acesso dos alunos ao mesmo.

Lá, acompanhados por nós, pelo professor de EF e pela coordenadora pedagógica, os alunos desmontaram suas varinhas, pegaram as iscas e, após ouvirem algumas instruções iniciais, se dispersaram para pescar em torno da represa.

Durante a atividade, 13 dos 14 alunos conseguiram fisgar alguns peixes – todos da espécie tilápia medindo em torno de 10 cm. O grupo, que desde a saída da escola estava ansioso, participou o tempo todo, sem

nenhuma exceção. Não por acaso, quando chegou a hora de retornar para a escola todos ficaram chateados.

Nesse mesmo dia, todos os alunos responderam ao QF, inclusive aqueles que não foram ao “pesque e pague”.

APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A busca desenfreada por dinheiro e poder e a indiferença das pessoas aos problemas sociais que isso acarreta tem provocado consequências desastrosas no meio ambiente e na qualidade de vida das pessoas.

Voltando-se para os alunos que participaram da intervenção, foi possível constatar nos QIs que, embora 23 deles afirmassem que conheciam e praticavam atitudes que contribuem para a preservação do meio ambiente, paradoxalmente, apenas seis optariam pela soltura de peixes em vez da sua captura.

Diversas podem ser as causas para a indiferença de alguns desses alunos, entre elas, a falta de acesso à informação, a falha na transmissão de valores éticos feita pela sociedade, ou, ainda, a falta de experiências diretas com o meio ambiente natural.

Nesse sentido, a EF, engajada com os objetivos sociais da escola, tem um poderoso instrumento em suas mãos: o conhecimento de práticas corporais na natureza que promovem o contato direto dos alunos com a mesma, como, por exemplo, a pesca amadora.

Entre os alunos que participaram do estudo, 20 deles já haviam tido contato com essa prática fora do ambiente escolar. Não por acaso, pude notar que todos os alunos, sem exceção, conheciam algum equipamento de pesca e que vários deles também detinham alguns conhecimentos a respeito do universo dessa prática, principalmente ligados a sua dimensão procedimental.

Sendo pensadas para ampliar o conhecimento dos alunos nas esferas conceitual e atitudinal, as aulas da intervenção agradaram 21 alunos e aumentaram o interesse de 18 deles pela pesca.

No entanto, o caminho para que isso fosse alcançado foi muito desafiador, envolvendo diversas dificuldades relacionadas: à aceitação de

dirigentes escolares; ao gerenciamento da turma; à falta de participação e à cobrança que alguns alunos faziam para jogar futebol; à presença de mais de uma turma nos espaços utilizados nas aulas de EF; ao pouco tempo de experiência com a docência e, a maior delas, à falta de transporte escolar.

Esta última impossibilitou que todos os alunos participassem do passeio ao “pesque e pague”, sendo alvo das críticas e sugestões de 11 deles. Apesar disso, ficamos aliviados ao saber que aqueles que não participaram já não estavam tão revoltados ao final da intervenção e que se esforçariam mais para merecer, caso houvesse outra oportunidade.

Para que, de fato, todos os alunos possam participar de atividades como o passeio citado, faz-se necessário que o trabalho seja incorporado ao projeto político pedagógico da escola e, sendo bem justificado, garanta a disponibilidade de transporte para todos os alunos.

Além disso, devido à má conservação dos rios que cortam a cidade, é importante que a escola, a curto prazo, realize parcerias com propriedades privadas que possam fornecer o acesso dos alunos a ambientes preservados para a prática da pesca.

Por outro lado, a longo prazo, é necessário que todos os componentes curriculares da escola promovam a educação ambiental de maneira interdisciplinar e de maneira contextualizada à realidade dos alunos, instrumentalizando-os para que possam atuar em instâncias maiores e reivindicar dos órgãos públicos áreas naturais de lazer preservadas.

Apesar disso, o trabalho com a educação ambiental transcende as responsabilidades dos professores de EF e da própria escola. Para que esses problemas sejam superados, faz-se necessário o engajamento e o comprometimento de todos os setores da sociedade, a começar pela família. Ela, em parceria com a escola, deve zelar pela transmissão de valores positivos nas esferas social, política e ambiental.

Contudo, não podemos nos eximir de nosso papel enquanto educadores. Mesmo sabendo da diversidade de interesses que os alunos possuem é importante inserir a pesca amadora ou qualquer outra prática corporal realizada junto à natureza como conteúdo da EF escolar, sendo valorizadas no sentido de serem tratadas como conhecimento, evitando sua análise apenas pelo viés do prazer tão vinculado à área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de provocar estranheza em muitos num primeiro momento, o presente trabalho se apresentou como uma alternativa viável para que os alunos fossem capazes de visualizar a relação de interdependência que existe entre a pesca e o meio ambiente e, nesse sentido, aproximá-los da natureza e desencadear atitudes positivas deles para com a mesma de maneira estimulante e prazerosa e, conseqüentemente, uma aprendizagem mais significativa se comparada a metodologias de ensino mais tradicionais.

Entretanto, devido à escassez de publicações, apontamos para a necessidade de novos estudos que tratem dessa temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm>. Acesso em: 05 maio 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1998a. 114 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 436 p.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.). **A Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.25-46 (Coleção Tours).

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza: guia de atividades infantis para pais e monitores**. Tradução de Maria Emilia de Oliveira. São Paulo: Editora SENAC/ Companhia Melhoramentos, 1996. 121 p. (Receitas Práticas).

DARIDO, S. C. et al. **Educação Física e temas transversais**: possibilidades de aplicação. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 178.

FABRI, J. B. Pesca. In: DACOSTA, L. (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 393-396. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

MUNSTER, M. de A. van. **Esportes na natureza e deficiência visual**: uma abordagem pedagógica. 2004. 309 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000353138&fd=y>>. Acesso em: 15 out. 2013.

SILVA, E. T. da. **Compromissos e competências do pescador esportivo**. 1 ed. Americana: Arte Escrita, 2000. 56 p.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004. 160 p.

Recebido: 22 outubro 2014

Aprovado: 05 maio 2015

Endereço para correspondência:

Jessica Sibioni

Rua João Ribeiro Souza Filho, 1353

Jardim Beatriz

São Carlos – SP

CEP: 13575-140

jessica_sibioni@hotmail.com